

“Simples espera”: reflexões sobre a prática psicanalítica

Maria Aparecida Sidericoudes Polacchini^[1]

RESUMO: Inspirada em alguns versos sobre o tempo, do poeta Mia Couto, a autora trata da capacidade de espera do analista quanto ao desconhecido da sessão e relaciona esse estado à capacidade negativa, proposta por Bion. Salienta a importância da disciplina da espera – um estado de contemplação ligado ao germen de uma ideia – para que esse pensamento se desenvolva. Destaca, por fim, o valor de manter a indagação aberta, para fazer de cada concepção uma pré-concepção.

PALAVRAS-CHAVE: tempo, espera, desconhecido, capacidade negativa, pré-concepção

1. Psicóloga. Membro efetivo com funções didáticas da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto (SBPRP) e do Grupo de Estudos de Psicanálise de Rio Preto e Região (GEP Rio Preto e Região), e membro associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP).

I

Empresto de Mia Couto (2016) alguns versos, neles me inspiro e, com um recorte de um de seus poemas, "A adiada enchente", nomeio este texto, iniciando algumas reflexões sobre o tema:

Simples espera
daquilo que não se conhece
e, quando se conhece,
não se sabe o nome.
(p. 33)

O escritor e jornalista José Castello (2016), na apresentação do livro *Poemas escolhidos*, de Mia Couto, nos diz que um de seus temas centrais é o tempo, e que o poeta defende algo que na vida contemporânea tem sido desconsiderado: o valor da "lentidão", "quando todos, inclusive o próprio poeta, estamos sempre a correr". Castello continua e diz que o autor moçambicano "coloca-se a serviço não da descoberta esplendorosa, mas da pura e simples espera". "Espera", diz Castello, "que é mais uma reverência ao desconhecido . . ., o poeta é aquele que procura o que desconhece e, quando enfim encontra, continua a desconhecer" (p. 12).

Tanto quanto o poeta, o psicanalista valoriza o desconhecido, de tal modo que, ao realizar uma descoberta, o mais importante não é o que descobriu, mas o que ainda está por vir. Ele, então, espera. O analista recebe o paciente e aguarda sua demanda para acompanhá-lo e se aproximar da realidade psíquica que se apresenta a cada momento. E, quando o tempo é o da interpretação, observa sua repercussão: consciência ou não da descoberta, ampliação ou evasão.

O psicanalista, em atitude de espera para a compreensão do humano, através do complexo objeto de seu estudo, a mente, mantém esperança e fé nas descobertas, a despeito de, por vezes, nesse tempo, sofrer as dores da solidão e da impotência. A esperança, segundo Sandler (2011), se dá tanto na direção das ilusões e das crenças quanto na da fé na verdade. É na direção da verdade que a psicanálise se inclina às descobertas.

Freud, à procura de uma compreensão dos fenômenos mentais, segundo a recomendação de Charcot, aguardava até que um padrão se revelasse; depois, nomeava o fenômeno mental. Nascia o conceito, mas continuava o trabalho para identificar as origens e os desdobramentos do fenômeno descoberto: Freud aguardava as descobertas, em justaposição à escuta das pacientes.

Segundo Bion, a própria psicanálise esteve à espera de quem a pensasse. E Freud a acolheu, com ouvidos aguçados, sob atenção flutuante, ouvindo a voz interior, do outro e de si mesmo. Bachelard (1957/1993), sobre a fenomenologia da imaginação, ao tratar da transcendência do que se vê e do que se ouve, fala das possíveis "combinações [dos] aparelhos de sonhar: ver e ouvir, ultraver e ultra-ouvir, ouvir-se ver" (p. 186). Empresto essa imagem de Bachelard para lembrar que a psicanálise foi

desvelada concomitantemente à revelação científica dos sonhos, ambas, psicanálise e vida onírica, à espera de quem as pensasse.

Em agosto de 1897, Freud (1976), na carta 67, escreveu a Fliess, seu interlocutor: “as coisas estão fermentando dentro de mim, mas não concluí nada. O principal paciente que me preocupa sou eu mesmo” (p. 350). Aqui, certamente a escuta de si mesmo marcou o compasso de espera para o que haveria de se clarificar, a partir da efervescência dos sonhos e dos pensamentos de vigília.

Pela conjunção “ouvindo-se vendo” é possível tornar-se. Assim, nasceram a psicanálise e o psicanalista. Descoberta a psicanálise, passou-se à sua contínua construção. E, já com Freud, o que não podia ser alcançado pelo conhecimento poderia ser imaginado.

Segundo Bion (1977/2015), “especulações imaginativas são estágios para se alcançar o florescimento de formulações psicanalíticas científicas” (p. 34). Ele propõe que, por mais estranho ou selvagem que possa parecer um pensamento germinal, é preciso acolhê-lo, plantá-lo onde possa se desenvolver, até que esteja suficientemente maduro para nascer, pressupondo, assim, receptividade ao pensamento que se achega e surpreende, e, ainda, amparo ao seu desenvolvimento (Bion, 1978/1992).

Dois modelos se assemelham e se destacam: o da semente e o do parto. A maiêutica, método socrático de parturição de ideias, foi usada como metáfora por Bion (1976/1992) ao situar o analista como “visão moderna de parteira mental”, na medida em que “ajudamos a alma, ou psique, a nascer, e a ajudamos também para que ela continue a se desenvolver depois de nascer” (p. 200). Tempo de gestar, nascer, de toleráveis frustrações, de necessárias satisfações e de, por vezes, morrer e renascer.

Nós, analistas, de acordo com a situação, seja em estado de prontidão ou de espera, acolhemos o paciente e o acompanhamos em seus diversos nascimentos e renascimentos, durante o tempo que durar uma análise. Evoco uma vez mais Mia Couto (2016), em “Cores do parto”:

Parteiros gestos
me ensinaram quanto,
das mãos,
a vida inteira vamos nascendo.

As mãos foram,
assim, meu segundo ventre.
(p. 124)

II

Bion emprestou de Kant o termo e conceito de “conjecturas racionais” e acrescentou o de “conjecturas imaginativas”. Conjecturas racionais são hipóteses teóricas insaturadas, ou seja, abertas a novos significados. Conjecturas imaginativas estão baseadas na capacidade de intuir e sonhar. Considero oportuno citar novamente

Bachelard (1957/1993): “devaneio é . . . *contemplação primordial*” (p. 190). Contemplar a si próprio e ao outro é referência importante para os analistas. Mais do que observar, contemplar sugere olhar por mais tempo, com atenção e admiração, examinar, refletir. Tempo de pensar antes de agir, como já nos mostrara Freud sobre os “dois princípios de funcionamento mental”, tempo de o ego advir. Conjecturo que um processo analítico vá adiante, sempre florescendo, à medida que o paciente (tanto quanto o analista) é capaz de contemplar sua realidade psíquica e sobretudo o próprio processo de análise, chegando a captar a riqueza intrínseca ao método analítico.

Quando Bion (1977/2015) propôs as especulações imaginativas, observou também que era “preciso mantê-las sob algum tipo de disciplina” (p. 40). Compreendo, aqui, a disciplina da espera, um estado de contemplação em relação ao desenvolvimento do gérmen de uma ideia, pois muitas vezes esse gérmen se aloja no analista desde sua primeira percepção no contato com o paciente, mas é preciso esperar que a ideia se desenvolva; esse pensamento germinal precisa aguardar o tempo oportuno para ambos, analista e paciente, tempo de vir à luz ou, segundo Bion, tempo para domesticar um pensamento e depois transmiti-lo. Tempo de imersão em “capacidade negativa”. O pensamento precisa evoluir no analista, “tornar-se” em intimidade com o paciente, de modo que possam vivenciar, nomear e, sobretudo, expandir a descoberta. E isso tanto pode ocorrer por meio de experiências cujos elementos vão se apresentando em “conjunção constante”, continuamente ressignificadas, como naquelas experiências emocionais que surpreendem e, integradas a outras, alcançam, através do “fato selecionado”, uma compreensão mais extensa e profunda da realidade psíquica, uma visão ampliada do apresentado.

Então, uma questão que se impõe é a do tempo. Em contraposição ao método apressado de uma psicanálise silvestre, o analista se disciplina na paciência, para observar e intuir o que está além do sensorialmente perceptível, passando a um sentimento de segurança para se expressar, seja através de uma imagem, que servirá de modelo entre a experiência e o conceito, seja por meio de um pensamento, podendo ambos se transformar em interpretação.

Um dos livros poéticos do Antigo Testamento, o “Eclesiastes”, nos diz que há um tempo para cada coisa, para cada propósito da vida: tempo de plantar, de colher, de nascer, de viver e de morrer e, para nós analistas, o tempo de escutar, calar, intuir, sonhar, pensar, falar e, por vezes, escrever. Bion (1976/1992), fazendo referência ao “Eclesiastes”, disse: “a sabedoria veio aos homens cultos através da oportunidade para o descanso” (p. 206). Compreendo o descanso como condição para se tolerar o mistério, suportar a incógnita e contemplar, pensar, decantar, clarificar e ampliar o pensamento. Descanso pressupõe pausa, e o associa à música, suspensão do som entre as notas, marcando o ritmo e a musicalidade. Muitas vezes, conseguimos alcançar o sentido de uma experiência emocional em análise, nomeá-la, mais pelo ritmo conferido às palavras e sua musicalidade que pelos seus conteúdos.

Outra questão relacionada à do tempo é o estado de expectativa de realização,

que, segundo Bion, se dá a partir das pré-concepções. Retomo Mia Couto (2016), no poema “A espera”, em seus primeiros versos:

Aguardo-te
como o barro espera a mão.

Com a mesma saudade
que a semente sente do chão.
(p. 74)

Pré-concepções do seio, do seio-mente pensante da mãe, do casal parental, do Édipo e do *selves* são expectativas do bebê, em estado inicial de desamparo, de que o encontro com os objetos externos possibilite essas realizações. Carregamos em nossa constituição um conhecimento social, cultural e histórico inato, e com o nascimento carrega-se a expectativa de realizar esse encontro e esse reconhecimento, favorecido inicialmente pelos objetos primários, especialmente a mãe, primeira representante simbólica na vida do bebê.

No processo analítico, manter a indagação aberta é fazer de cada concepção uma pré-concepção, uma expectativa em relação ao desconhecido. O processo analítico ocorre quando se rompe o pensamento fechado e abrem-se novas questões, ampliam-se os sentidos de uma experiência emocional. O alargar da vida também se dá nessa direção, tanto a perspectiva de análise quanto a de uma vida fecunda estão em processo de desenvolvimento por fluxos entre sonhos de vigília e noturnos, trânsitos de consciente e inconsciente, do Isso e do Eu, por sendas muitas vezes sinuosas, a alcançar o “tornar-se”. Como no dizer do poeta, em “A demora”, em relação à vida:

um rio se vai aguando até ser mar.
(Couto, 2016, p. 76)

Começo e fim se confundem, todo um fluxo de transformações ocorre para se chegar a si mesmo, se perdendo, se estranhando, se afetando, se encontrando e se sabendo. Os fatos da vida abalam nossas defesas. Assim, o fenômeno pode dar lugar ao númeno; em linguagem bioniana, “O”. Realidade primeira e última. Da sensorialidade à fluidez dos afetos e pensamentos. Da concretude à plasticidade do simbólico.

III

Uma analisanda, em análise há alguns anos, demonstrando interesse vivo pela análise, começou a apresentar observações em relação à filha, pré-adolescente, o que nos possibilitou expandir as próprias questões edípicas, os sentimentos de exclusão, solidão e transitoriedade. Vez ou outra, essas observações e angústias sobre a filha compareciam em suas sessões: a intolerância da filha para com algumas coisas, particularmente em relação a ela (mãe), as críticas que a garota lhe fazia e o

forte apego ao pai. Mas o que chamou minha atenção foi que a analisanda parecia ter aguardado o momento oportuno para conversar com a filha, para ajudá-la em relação aos conflitos edipianos. Penso que ela intuitivamente captou o bom momento oferecido pela filha. Contou-me que um dia percebeu a filha bastante amuada e, num gesto de tomá-la pelas mãos, perguntou-lhe o que estava sentindo. No decorrer da conversa, a menina acabou se queixando de um vazio dentro dela; então, conversando com a filha, ela disse: “a mamãe já entendeu o que você está vivendo, você está ficando mocinha, pronta para se apaixonar e logo [isso] acontecerá, é só isso”. A filha abraçou a mãe, dando mostras de sentir-se aliviada. A mãe, bastante criativa e intuitiva, captou na filha a expectativa de encontro com o objeto de amor. Um momento de intimidade fecunda da mãe consigo mesma e com a filha, em que pudemos notar também os desdobramentos de uma análise (Polacchini, 2022b).

Tomo, uma vez mais, os versos de Mia Couto (2016), no poema “Biografia”, por representarem com propriedade e beleza o tempo das transformações:

Agora,
em meus filhos
me vou dando às luzes.
(p. 27)

Lembro-me do início da análise com essa analisanda, quando ela achava que as filhas deveriam estar em análise, chegando muitas vezes a se culpar pelo fato de ela estar no processo e as filhas não. Lembro de eu lhe ter dito: “espere, agora é sua vez, elas terão muito tempo”. A meu ver, a confluência de algumas questões dela e das filhas permitiam um desenvolvimento mútuo.

Penso que essa é uma das importantes conquistas num processo analítico, que passamos com Bion a nomear de “capacidade negativa”, usada a favor da análise e da vida, além da “linguagem de êxito” na comunicação, a ser usada pela vida afora.

Bion (1970/1973), inspirado em Keats, tomou para o uso analítico a referência da “capacidade negativa”: “estar em incertezas, mistérios e dúvidas, sem qualquer tentativa irritável de alcançar fato e razão” (p. 138).

Evoco um outro momento de análise (Polacchini, 2022a), com outra analisanda. Com ela conversava sobre transformações vividas durante a análise. O modelo que me apresentava numa das sessões era o da transformação da fruta em doce, e ela me dizia que na cozinha sabia aguardar o tempo de fazer a calda, mas na vida sentia que tudo era muito urgente, e queria poder mudar esse jeito apressado. Ainda completou dizendo que gostaria de ser como eu, ali com ela, que me percebia calma, ao que lhe respondi, em tom de exclamação, usando versos de uma música: “ando devagar porque já tive pressa” (letra de Renato Teixeira e música de Almir Sater, do sertanejo clássico, “Tocando em frente”). Ela achou graça e me respondeu: “então, posso ter esperança”.

Essas situações, assim, nos remetem a algumas questões, entre as quais: quanto a urgência em encontrar respostas não sacrificou e aprisionou a pergunta?

Quanto o impulso para a ação não subestimou e enfraqueceu o pensar? Quanto a precipitação em alcançar não conduziu ao vazio? Quanto a pressa em aliançar não afastou os amantes?

Evoco o mito grego Orfeu e Eurídice (Polacchini, 2013): ele, sofrido e inconformado com a morte da esposa, desceu ao Hades para trazê-la de volta. A volta da esposa lhe foi concedida. Orfeu caminhando à frente, Eurídice o acompanhando. A ele fora estabelecida a condição de que, enquanto não ultrapassasse o mundo das sombras, não deveria olhar para trás, sob pena de perder a esposa para sempre. Quando já estava alcançando a luz, foi tomado de incontida dúvida: e se ela não estivesse atrás dele, e se os deuses do Hades o tivessem enganado? À espera do reencontro, Orfeu foi tomado de temor e desconfiança, quebrou o interdito e olhou para trás. Viu Eurídice desaparecer, morrer para sempre.

Para finalizar, algumas questões: quantas descidas ao inferno de nós mesmos, idas e vindas, nos são necessárias para alcançarmos a condição de aguardar? Quanta imersão no Isso, para emergir o Eu? Quanto se requer de capacidade de suportar desamparo, solidão e impotência para conseguirmos a condição mental da espera? Quantas perdas e quantos lutos, quanta consciência de transitoriedade e confiança nos são imprescindíveis para fazermos, de muitos fecundos momentos da vida, “simples espera”?

“La simple espera”: reflexiones sobre la práctica psicoanalítica

Resumen: La autora se inspira en algunos versos sobre el tiempo, escritos por el poeta Mia Couto, para tratar la capacidad de espera del analista al respecto de lo desconocido de la sesión y lo relaciona a la capacidad negativa que ha propuesto Bion. Subraya la importancia que tiene la disciplina de la espera –un estado de contemplación que se vincula al germen de una idea– para que se desarrolle este pensamiento. Por último, destaca la importancia de mantener la indagación abierta para que de cada concepción se haga una preconcepción.

Palabras clave: tiempo, espera, desconocido, capacidad negativa, preconcepción

“Simple waiting”: reflections on the psychoanalytic practice

Abstract: Inspired by some verses about time by the poet Mia Couto, the author addresses the analyst’s capacity for waiting in relation to the unknown aspects of the session, linking this state to Bion’s concept of negative capability. She emphasizes the importance of the discipline of waiting—a state of contemplation tied to the germ of an idea—for the development of thought. Finally, she highlights the value of maintaining an open inquiry, allowing each conception to remain a pre-conception.

Keywords: time, waiting, unknown, negative capability, pre-conception

Referências

- Bachelard, G. (1993). *A poética do espaço*. Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1957)
- Bion, W. R. (1973). *Atenção e interpretação*. Imago. (Trabalho original publicado em 1970)
- Bion, W. R. (1992). *Conversando com Bion*. Imago. (Trabalho original publicado em 1976)
- Bion, W. R. (1992). *Domesticando pensamentos selvagens*. Blucher. (Trabalho original publicado em 1978)
- Bion, W. R. (2015). *Seminários italianos*. Blucher; Karnac. (Trabalho original publicado em 1977)
- Castello, J. (2016). Apresentação. In M. Couto, *Poemas escolhidos* (pp. 11-25). Companhia das Letras.
- Couto, M. (2016). *Poemas escolhidos*. Companhia das Letras.
- Freud, S. (1976). Extratos dos documentos dirigidos a Fliess. In *Edição standard das obras completas de Sigmund Freud: Vol. I. Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos* (pp. 243-377). Imago. (Trabalho original publicado em 1897)
- Polacchini, M. A. S. (2013). *Medo e paixão nos mitos: um modo de olhar a contemporaneidade* [Apresentação de trabalho]. Pré-congresso da SBPRP.
- Polacchini, M. A. S. (2022a). Relações íntimas de presença e ausência: laços de vida e morte. *Berggasse 19*, 12(2) 13-21.
- Polacchini, M. A. S. (2022b, 27 de agosto). *Sobre a transitoriedade* [Palestra]. GEP Rio Preto e Região, Rio Preto, SP, Brasil.
- Sandler, P. (2011). Uma "bússola" e um "sexante" analítico. In C. J. Rezze, E. S. Marra, & M. Petriccioni (Orgs.), *Psicanálise Bion: clínica teoria* (pp. 121-146). Vetor.

Maria Aparecida Sidericoudes Polacchini

Endereço: Rua João Teixeira, 139, Santa Cruz. São José do Rio Preto/SP.
CEP: 15014-180
Tel.: (17) 99601-8902
E-mail: maria.sidericoudes@gmail.com